

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



A NECRÓPOLE DA NORA VELHA 2 (OURIQUE). NOVOS DADOS E INTERPRETAÇÕES 20 ANOS APÓS A SUA ESCAVAÇÃO

Rui Monge Soares / UNIARQ, Universidade de Lisboa / ruigusmao@hotmail.com

Artur Martins / Câmara Municipal de Aljustrel, Aljustrel / artur.martins@mun-aljustrel.pt

RESUMO

Decorridos 20 anos desde a escavação da Necrópole da Nora Velha 2, a revisão dos elementos já publicados, bem como a análise dos materiais e dados ainda inéditos desta necrópole, permitem um novo olhar sobre um dos sítios arqueológicos mais interessantes para a compreensão das práticas funerárias na Idade do Ferro na região de Ourique e conseqüentemente, no Baixo Alentejo.

ABSTRACT

20 years since the excavation of the Nora Velha 2 Necropolis, the review of information already published as well as the analysis of materials and unpublished data of this necropolis, allow a new look at one of the most interesting archaeological sites for the understanding of burial practices in the Iron Age in the region of Ourique and therefore in Alentejo.

1. HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO DA NORA VELHA 2

A necrópole da Nora Velha 2 foi descoberta e escavada em Junho e Julho de 1991 e em Janeiro e Dezembro de 1993, por uma equipa liderada por José Morais Arnaud (de que fazia parte um dos signatários – A.M.), no seguimento de trabalhos de acompanhamento arqueológico motivados por uma florestação (Correia, 1993, p. 366; Arnaud, Martins & Ramos, 1994, pp. 199-210). A primeira publicação (Arnaud, Martins & Ramos, 1994, pp. 199-210) foi preliminar e apresentada antes da conclusão dos trabalhos no sítio. Posteriormente, a planta e os resultados finais foram apresentados por Artur Martins no II Encontro de Arqueologia do Sudoeste, em Faro, em 1996, embora daí não tivesse resultado uma publicação. Desde então, os resultados finais, bem como algum do espólio mais relevante, foram sendo publicados parcialmente em sucessivos artigos e por diversos autores (Correia & Parreira, 2002, pp. 60-61; Jiménez Ávila, 2002-2003; Vilhena, 2006, pp. 54-56; Vilhena, 2008, pp. 381-383). Assim, con-

sideramos ter chegado o momento de dar a conhecer em pormenor os restantes elementos ainda inéditos. Relembramos, contudo, que a necrópole não foi porventura integralmente escavada, restando possivelmente ainda algumas estruturas por descobrir no local, como poderá ser o caso de um aglomerado de pedras, localizado debaixo de uma árvore, a NE das sepulturas postas a descoberto, no topo da crista da elevação onde a necrópole da Nora Velha 2 se implanta.

2. RESULTADOS DA ESCAVAÇÃO

A Nora Velha 2 (Figura 1) consiste numa necrópole da Idade do Ferro, semelhante a várias outras conhecidas na região de Ourique. É composta por um agrupamento de quatro pequenos covachos simples escavados no afloramento, por três pequenas estruturas pétreas tumulares de planta ortogonal, as quais enquadram no seu interior pequenos covachos abertos no afloramento, e ainda por uma grande estrutura de planta circular (VIII), que contém no seu interior duas pequenas estruturas tumulares de planta ortogonal, também enquadrando covachos abertos

no afloramento rochoso. Em volta da moldura deste monumento, no lado Este-Norte-Sudoeste, por baixo das pedras de derrube, foram detectadas inúmeras placas de xisto negro, as quais pareciam formar um patamar em redor da moldura. Já no lado Este-Sul-Sudoeste, situado a uma cota mais baixa devido à inclinação do cabeço, detectou-se a existência de uma argila mais amarelada com grande concentração de pequenas lascas de xisto, possivelmente formando uma estrutura de contenção do monumento. No centro desta estrutura tumular, encontram-se duas sepulturas escavadas na rocha (VIII A e VIII B) e orientadas no sentido Norte-Sul.

A sepultura VIII A (Figura 2), mais profunda que a VIII B, encontrava-se coberta por uma laje de xisto azul escuro partida *in situ* e era composta por duas sepulturas sobrepostas em dois níveis (Nível 1 e Nível 2), separadas por uma outra laje horizontal de xisto azul escuro partida em duas metades, que assentava em apoios abertos no afloramento rochoso situados na parede dos topos da sepultura.

A sepultura do nível superior (Nível 1 – Figura 2) continha pequenas esquirolas de osso queimado e alguns carvões, uma tigela (Figura 3, n.º 3), depositada a meio da cista, sobre a laje divisória das duas sepulturas, duas pontas de lança (Figura 6, n.º 27 e 29) e uma faca de ferro (Figura 6, n.º 31), encontrando-se preenchida por sedimento. Já a sepultura do nível inferior (Nível 2 – Figura 2), continha igualmente pequenas esquirolas de osso queimado, alguns carvões, uma tigela com um mamilo horizontal perfurado (Figura 3, n.º 4), depositada na extremidade Norte da sepultura e dois ferros em forma de espeto, possivelmente contos de lança ou *soliferreum*, um deles torcido (Figura 6, n.º 28 e 30). Esta sepultura encontrava-se completamente preenchida por sedimento.

No que toca à sepultura VIII B (Figura 2), esta apresentava uma moldura de pedras sobrepostas, não possuindo laje de cobertura nem qualquer tipo de divisão como a VIII A, apresentando uma menor preocupação com o acabamento. O fundo da sepultura foi escavado na rocha, apresentando secção em V. No seu interior, continha apenas alguns carvões depositados no fundo.

Além da grande estrutura circular (VIII), devemos igualmente fazer referência ao túmulo VII (Figura 1), medindo 2,2x2,2 metros e possuindo duas molduras, sendo a exterior provavelmente um degrau semelhante aos conhecidos em outras necrópoles,

enquadrava uma pequena concavidade circular com 10 centímetros de diâmetro. Dentro desta estrutura, encontravam-se vários fragmentos cerâmicos de um grande pote com asa em ferradura (Figura 4, n.º 11), os quais colavam com os fragmentos recuperados em volta do covacho II. Vários fragmentos deste recipiente encontravam-se espalhados no sentido E-O, tudo indicando que a sua dispersão deverá ter resultado da passagem de um arado que inclusivamente terá danificado a parede Oeste da sepultura. Além do vaso, no interior da estrutura tumular foram recuperadas duas contas de pasta vítrea azul, com sinais de exposição a altas temperaturas (Figura 5, n.º 21) e uma outra intacta (Figura 5, n.º 19). Já por baixo dos fragmentos do pote de asa cega, foram recuperadas mais seis contas de pasta vítrea azul (Figura 5, n.º 23), todas ligadas entre si por acção do fogo e ainda uma conta de pasta vítrea negra de grandes dimensões, oculada a branco e fragmentada em duas metades (Figura 5, n.º 17). Junto dos fragmentos do pote, que se encontravam dispersos próximo do covacho II, possivelmente por acção da já mencionada destruição mais recente, foram encontrados um pendente de xisto (Figura 5, n.º 24) e uma outra conta fundida pelo fogo (Figura 5, n.º 22), sendo que estes artefactos poderiam, provavelmente, encontrar-se originalmente no interior do recipiente em questão, tendo posteriormente sido dispersos aquando da referida destruição.

Fora dos túmulos, foram ainda recuperados, sem contexto, uma conta de rocha branca (Figura 5, n.º 25) e outra de pasta vítrea azul escuro (Figura 5, n.º 20), bem como vários fragmentos cerâmicos. Além disso, recuperou-se um fragmento de laje de grauváque com algumas marcas que foram interpretadas como possível fragmento de escrita do sudoeste (Arnaud, Martins & Ramos 1994, pp. 202 e 205), embora nos pareça que correspondem apenas a marcas de arado.

3. DISCUSSÃO

Analizados no seu conjunto, os dados conhecidos na Necrópole da Nora Velha 2 revelam-nos a presença de um espaço funerário importante para o conhecimento das práticas e rituais funerários durante a Idade do Ferro no Sudoeste Peninsular. A sua arquitectura peculiar, com a presença de túmulos com moldura pétrea rectangular (I, VI e VII) e por vezes com um degrau (VII), bem como a presença de co-

vachos simples escavados na rocha virgem (II, III, IV e V), desprovidos de qualquer estrutura pétrea envolvente, constitui presença habitual nas diversas necrópoles sidéricas conhecidas em Ourique. Já a grande estrutura pétrea circular (VIII – Figura 1), contendo no seu interior sepulturas, encontra paralelo na necrópole de Fernão Vaz (Correia & Parreira 2002, p. 50), Casarão (Correia & Parreira 2002, p. 54), Pego da Sobreira (Beirão, 1986, planche III; Correia & Parreira, 2002, p. 56) e Chada (Beirão, 1986, p. 85). Contudo, o monumento VIII da Nora Velha 2 apresenta como particularidades a presença não de uma, mas de duas sepulturas no seu interior (Figura 2).

Em relação aos materiais arqueológicos, também estes se enquadram no espólio habitualmente recuperado em necrópoles sidéricas, fornecendo uma importante contribuição para o enquadramento cronológico e cultural da Necrópole da Nora Velha 2. A cerâmica recuperada tanto no interior das sepulturas como um pouco por toda a área intervencionada da necrópole, permite tecer várias considerações, sendo contudo de notar que esta se encontra bastante afectada pela acidez do solo xistoso, o que dificulta a percepção do tipo de manufactura empregue nas peças bem como do cuidado no seu acabamento, embora seja possível dizer que os materiais de cronologia sidérica são, na sua maioria, feitos ao torno. No que diz respeito à urna de cerâmica manual com digitações e linhas incisivas (Arnaud, Martins & Ramos 1994, p. 209; Vilhena, 2008, p. 384) recuperada no covacho V (Figura 1, n.º 33), esta forma e decoração ocorre tanto em contextos de necrópole como de povoado, desde o século VIII ao século VI a.C. (Torres, 2002, p. 163), possuindo paralelos regionais no túmulo II da Herdade do Pêgo (Dias, Beirão & Coelho, 1970, p. 206) e no Castro da Cola (Correia & Parreira 2002, p. 60; Correia 1999, p. 28; Arnaud, Martins & Ramos 1994, p. 201), sendo ainda possível citar vários outros exemplos no Baixo Alentejo, ocorrendo por exemplo em sítios como a pequena ocupação rural do Passo Alto, datada do século VI a.C. (Soares et al. 2009, fig. 10, n.º1).

Sobre as tigelas recuperadas, contam-se três exemplares, de bordos simples e sem decorações, tendo sido recolhidos dois exemplares na sepultura VIIIA (Fig. 3, n.ºs 3 e 4) e um exemplar no exterior (Figura 3, n.º 1). Note-se que a tigela recuperada na sepultura VIIIA, Nível 1 (Figura 3, n.º 3), se encontrava incompleta mas *in situ*, tendo sido encontrado apenas exactamente metade do recipiente. Contudo, um frag-

mento do fundo deste recipiente foi recuperado no exterior da sepultura, próximo da sepultura VIIIB (Figura 1, n.º 34). Este facto não deixa de ser curioso, dado que a tampa da sepultura VIIIA se encontrava *in situ*, apesar de quebrada, facto que parece descartar um qualquer fenómeno pós-deposicional. Então, se parece certo que apenas e só metade da tigela foi intencionalmente depositada na sepultura, fica por explicar o motivo que levou à prática deste acto deposicional, encontrando-se fragmentos do recipiente no exterior. Tratou-se de uma quebra intencional, ou eventualmente ritual, à semelhança do que sucede com as lanças de ferro, ou, pelo contrário, ficou a dever-se a algo mais mundano como, por exemplo, uma quebra accidental pré-deposição? Isso são questões para as quais não temos resposta.

O caso da tigela do Nível 2 da sepultura VIIIA (Figura 3, n.º 4) merece também um comentário. Este exemplar possui um pequeno mamilo único, alongado e perfurado, o qual parece corresponder a um elemento de suspensão, de função exactamente idêntica às duplas-perfurações habitualmente registadas em tigelas e pratos durante a Idade do Ferro (Soares, 2012, pp. 51-53). A opção do oleiro por um mamilo perfurado ao invés de simplesmente realizar duas perfurações no bojo, poderá constituir uma marca cronológica arcaizante, pois a técnica de suspensão de pequenos recipientes abertos, por meio de mamilos perfurados, verifica-se apenas no Bronze Final, sendo que durante toda a Idade do Ferro são apenas utilizadas as dupla-perfurações sob o bordo. Assim, podemos especular se esta peça corresponde a um momento de transição, em que numa tigela, própria da Idade do Ferro, é aplicado um elemento de suspensão aparentado aos utilizados no Bronze Final. A escassez ou ausência de paralelos para esta peça, será explicada pelo sucesso e rápida difusão durante a I Idade do Ferro da técnica da “dupla-perfuração” sob o bordo, tecnicamente menos complexa e provavelmente mais resistente e durável que a aplicação de um mamilo perfurado. Já o pote com asas de ferradura e bordo plano (Figura 4, n.º 11) parece corresponder a uma bacia/alguidar de produção local/regional, cujas funções são tradicionalmente associadas à utilização para abluções ou preparação de alimentos, em virtude da sua forma aberta, sem restrições no acesso ao interior. Aparentemente este recipiente terá servido como urna funerária, como parecem indiciar os artefactos encontrados em seu redor. Note-se que o fundo deste

vaso possuía “gatos”, provavelmente feitos de uma qualquer matéria perecível, uma vez que não foram encontrados. A sua presença indicia que o vaso terá sido parcialmente quebrado e reconstituído, antes da sua deposição na sepultura. Neste caso particular, os gatos não terão sido utilizados para reparar um recipiente de valor elevado como é habitual em cerâmicas importadas ou excepcionais, mas apenas para permitir a sua reutilização final como urna funerária e já sem valor por se encontrar quebrado.

Este recipiente regista paralelos em vasos de características semelhantes (nomeadamente, o bordo recto e as asas cegas), recuperados em contextos do século V a.C. no Sudoeste peninsular, nomeadamente no Cabeço Redondo (Soares, 2012, p. 71) e em Cancho Roano (Celestino Pérez & Jiménez Ávila 1993, p. 122, n.º15). O caso particular dos elementos de prensão deste recipiente, as “asas cegas” ou de “feradura”, constituem uma evolução dos elementos de prensão do Bronze Final (Mataloto 2004, p. 88), registando-se a sua utilização principalmente ao longo de toda a I Idade do Ferro.

Adicionalmente, recuperaram-se ainda diversos fragmentos de recipientes um pouco por toda a necrópole, registando-se a presença de recipientes fechados de pequena (Fig. 3, n.º 5) e grande dimensão (Fig. 3, n.º 9), além de alguns fundos planos (Fig. 3, n.ºs 2, 8 e 10) ou em “bolacha” (Fig. 3, n.º 7) do mesmo tipo de recipientes.

Em relação aos objectos de adorno, regista-se a presença de nove pequenas contas de colar de pasta vítrea azuis escuras (Fig. 5, n.ºs 19-21 e 23) e três contas de cor azul marinho (Fig. 5, n.ºs 18, 21 e 22), oculadas a branco e azul escuro, bem como uma grande conta negra oculada a branco (Fig. 5, n.º 17). Adicionalmente, recuperou-se um fragmento de pendente de xisto (Fig. 5, n.º 24), possivelmente em forma de sanguessuga de xorca, uma conta tubular em rocha branca (Fig. 5, n.º 25) e um anel de bronze com conta azul (Fig. 5, n.º 26), afectado pela exposição ao fogo, cuja presença encontra paralelos em outras necrópoles, como na Mealha Nova (Arruda, 2001, p. 247; Dias, Beirão & Coelho, 1970, p. 200), na Fonte Santa (Beirão, 1986, planche VI) e na Necrópole do Gaio (Beirão, 1986, planche III).

No que diz respeito a armamento, as duas lanças dobradas da sepultura VIIIA, Nível 1 (Fig. 6, n.ºs 27 e 29), com 41 e 50 centímetros de comprimento respectivamente, encontram paralelo na Herdade do Pêgo (Dias, Beirão & Coelho, 1970, p. 211), ao passo que a

faca de ferro afalcatada (Fig. 6, n.º 31) encontra paralelo em diversos contextos ao longo de toda a I Idade do Ferro. Já a presença no Nível 2 da sepultura VIIIA, de dois ferros compridos e finos em forma de “espeto” (Fig. 6, n.ºs 28 e 30), com 60 e 68 centímetros de comprimento respectivamente, encontra paralelos na necrópole de Chada (Beirão, 1986, p. 90, Fig. 24), parecendo assemelhar-se pela sua morfologia a contos de lança (Quesada Sanz, 1997, pp. 427-431), ainda que armas do tipo *pilum/soliferreum* (Quesada Sanz, 1997, pp. 309, 328) também possam ser uma hipótese. Neste caso, não podemos deixar de notar o interessante facto de os dois artefactos se encontrarem na sepultura do Nível 2, estando apenas um deles dobrado, ao passo que as duas lanças, ambas dobradas, se encontravam no Nível 1. Se aceitarmos que os ferros em questão são os contos das duas lanças da sepultura superior, este facto reforça a possibilidade de estarmos perante dois enterramentos em simultâneo, cujo significado da distribuição dos elementos das lanças não nos é ainda possível perceber.

Em relação aos elementos de cronologia estranha à Idade do Ferro, registe-se a peça n.º 6 da Figura 3, a qual possui pasta alisada/polida e uma carena arredondada, semelhante às pequenas taças da Idade do Bronze, presentes em sítios regionalmente próximos (Schubart, 1965, Fig. 12-j e Fig. 19-a; Correia & Parreira 2002, p. 38). O facto de um recipiente da Idade do Bronze ter sido aqui encontrado não parece estranho, dado que o local onde esta necrópole sidérica se implanta, poderá possuir outros enterramentos e outras sepulturas, porventura da Idade do Bronze, como poderá ser a estrutura pétreia já referida inicialmente, que se parece localizar próximo da necrópole. Esta associação possivelmente propositada de uma necrópole sidérica a uma necrópole da Idade do Bronze, nada teria de estranho, dada a possível procura de identificação por parte das populações da Idade do Ferro com os “sinais dos antepassados”, como se verifica na aparente imitação das estruturas funerárias gregárias da Idade do Bronze, em Ourique. Aliás, a permanência deste local como terreno sacralizado com “sinais dos antepassados” é notória, uma vez que numa pequena elevação a 50 metros de distância, se situa a *Tholos* da Nora Velha (Viana, 1960), com utilização no Calcolítico e reocupação durante a Idade do Bronze. Podemos ainda apontar a grande laje que fecha a passagem do corredor para a câmara deste monumento, como sendo uma antiga estela-menir de

Tabela 1 – Datas de radiocarbono da Nora Velha 2 (calibração fazendo uso da curva IntCal09 (Reimer et al. 2009) e do programa CALIB (Stuiver e Reimer1993).

Ref. Lab.	Amostra	Contexto	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	Data ^{14}C (BP)	Data calibrada (cal BC)	
					1 σ	2 σ
ICEN – 1102	Madeira carbonizada	Sep. VIIIA- -Nível 2	-24,88	2720±50	905-819	976-800
ICEN – 1103	Madeira carbonizada	Sep. VIIIB	-25,57	2540±90	801-716; 695-539	827-408

períodos mais recuados, nomeadamente Neolítico. Adicionalmente registou-se no local, a presença de alguns materiais de cronologia islâmica, nomeadamente, vários fragmentos de asas de pote (Fig. 4, n.ºs 12-14), um fragmento de vidro (Fig. 4, n.º 15), um fundo de um pequeno recipiente (Fig. 4, n.º 16) e um fragmento de uma telha, possivelmente indicadores de uma pequena ocupação rural medieval. Por fim, recuperou-se ainda um pequeno resto de talhe de sílex (Fig. 6, n.º 32). Este poderá indiciar uma presença pré-histórica no local, ou revelar uma qualquer utilização desconhecida associada à necrópole sidérica. Em relação aos carvões recuperados na estrutura tumular circular VIII, estes foram datados pelo radiocarbono, não tendo, contudo, sido identificadas as espécies a que pertenciam. Assim, notamos que no túmulo VIIIA, os carvões do nível inferior possuem uma data calibrada, a 2 sigma, de inícios do século X a finais do século IX a.C., o que indicaria uma cronologia do Bronze Final para este túmulo. Já os carvões do túmulo VIIIB, possuem uma data aceitável, de finais do século IX a finais do V a.C.

Em relação ao nível superior (Nível 1) do túmulo VIIIA, este não continha carvões suficientes para uma datação convencional (embora esta seja possível de ser efectuada actualmente por AMS), pelo que estes carvões não foram datados juntamente com os outros. Este facto permitiu a sua preservação, pelo que, na sequência do presente estudo, foi possível identificar as espécies de origem, tendo-se revelado a presença de 9 fragmentos de *Quercus suber* (sobreiro) e 1 possível fragmento de *Quercus suber/rotundifolia* (sobreiro/azinheira).

É importante reforçar que as espécies a que pertencem os carvões datados da sepultura VIIIB e do Nível 2 da sepultura VIIIA não foram determinadas, pelo que, ignoramos se estaremos perante o efeito de madeira antiga, no que diz respeito às datas obtidas em ambos os casos. Esta possibilidade parece plausível,

dado que os fragmentos de carvões identificados no Nível 1 da sepultura VIIIA correspondem todos a espécies de vida longa. Desta forma, a tese de que as datas obtidas na necrópole da Nora Velha 2 corroboram uma suposta antiguidade das necrópoles sidéricas de Ourique (Vilhena 2006, p. 62; Vilhena, 2008, pp. 381 e 382), proposta por V.H. Correia (1993), encontra-se sem fundamento (pelo menos no que toca ao apoio em datas de radiocarbono), dado que a hipótese do efeito de madeira antiga é bastante provável.

4. CONCLUSÕES

A análise produzida neste artigo sobre a necrópole da Nora Velha 2, permitiu rever algumas das questões em relação ao enquadramento crono-cultural da necrópole. Assim, algumas propostas anteriores avançadas para esta necrópole, de uma extensa diacronia e arquitectura evolutiva, bem como as consequências daí resultantes, como a precocidade dos túmulos de planta circular sobre os de planta ortogonal nas necrópoles sidéricas (Vilhena, 2008, p. 382), parecem-nos carecer de um fundamento mais sólido, dado que a sua principal base de apoio, as datações de radiocarbono obtidas para a sepultura VIIIA – Nível 2 e VIIIB, não só não comprovam a precocidade dos túmulos circulares, como também não podem ser utilizadas para propor uma cronologia precisa para a utilização da necrópole da Nora Velha 2. A cronologia da necrópole sidérica da Nora Velha 2 deverá então situar-se, ainda que com cautela e com base apenas no espólio recuperado (e na ausência de elementos mais antigos e mais tardios), num intervalo cronológico entre o século VII e o século V a.C., não sendo possível, em virtude dos elementos registados e analisados, reduzir ou ampliar com segurança este intervalo.

BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, J.; MARTINS, A.; RAMOS, C. (1994) – Necrópole da Nora Velha (Ourique). Informação da 1.ª campanha de escavação. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*. Vol. 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 199-210.
- ARRUDA, A. M. (2001) – A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4: 2., pp. 153-160.
- BEIRÃO, C. M. (1986) – *Une civilisation Protohistorique du Sud de Portugal (1er Âge du Fer)*. Paris: De Broccard.
- CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1993) – *El Palacio-Santuario de Cancho Roano I: El sector Norte*. Badajoz: Junta de Extremadura e B. Gil Santa Cruz. 261 p.
- CORREIA, V. H. (1993) – As necrópoles da Idade do Ferro do sul de Portugal: arquitectura e rituais. In *Actas II do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 12-18 de Outubro de 1993)*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*; 33: 3-4), pp. 351-375.
- CORREIA, V. H. (1999) – Fernão Vaz (Ourique, Beja). Balanço da investigação arqueológica. *Vipasca*. Aljustrel. 8, pp. 23-31.
- CORREIA, V. H.; PARREIRA, R. (2002) – *Cola. Circuito Arqueológico*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Roteiros da Arqueologia Portuguesa; 8).
- DIAS, M. Alves; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L. (1970) – Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo-Alentejo: Ourique (notícia preliminar). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 4, pp. 175-219.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002-2003) – Estructuras tumulares en el suroeste ibérico. Entorno al fenómeno tumular en la protohistoria peninsular. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de Arqueología*. Madrid. pp. 81-118.
- MATALOTO, R. (2004) – *Um “monte” da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*; 37).
- QUESADA SANZ, F. (1997): El armamento ibérico. Estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la Cultura Ibérica (siglos VI-I a.C.). *Monographies Instrumentum*. Montagnac. 3.
- VILHENA, J. (2006) – O sentido da permanência. As envolturas do Castro da Cola nos 2.º e 1.º milénios a.C. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado.
- VILHENA, J. (2008) – As armas e os barões assinalados? Reflexões em torno das necrópoles monumentais do “Ferro de Ourique” (Sul de Portugal). In JIMENEZ AVILA, F.J. coord. – *Actas do Colóquio. Sidereum Ana I. El Rio Guadiana en el Época Post-Orientalizante, Mérida, 24-26 de Maio de 2006, Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Madrid: C.S.I.C. 46, pp. 327-351.
- SCHUBART, H. (1965) – Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja, 22, pp. 7-136.
- SOARES, A. M.; ANTUNES, A. S.; DEUS, M.; SOARES, R.M.; VALÉRIO, P. (2009) – A ocupação sidérica do Passo Alto (V.V. de Ficalho, Serpa). In *IV Encontro de Arqueologia del Suroeste Peninsular. Aracena. 27-29 Noviembre 2008*. Huelva, pp. 544- 554.
- SOARES, R. M. (2012) – *O Cabeço Redondo. Um edifício da Idade do Ferro Pós-Orientalizante na Herdade do Metum (Moura)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado.
- REIMER, P.J., BAILLIE, M.G.L., BARD, E., BAYLISS, A., BECK, J.W., BLACKWELL, P.G., BRONK RAMSEY, C., BUCK, C.E., BURR, G.S., EDWARDS, R.L., FRIEDRICH, M., GROOTES, P.M., GUILDERTON, T.P., HAJDAS, I., HEATON, T.J., HOGG, A.G., HUGHEN, K.A., KAISER, K.F., KROMER, B., McCORMAC, G., MANNING, S., REIMER, R.W., RICHARDS, D.A., SOUTHON, J.R., TALAMO, S., TURNEY, C.S.M., van der PLICHT, J., WEHENMEYER, C.E. (2009) – IntCal09 and Marine09 Radiocarbon Age Calibration Curves, 0-50,000 Years cal BP. *Radiocarbon*, 51(4), pp. 1111-50.
- STUIVER, M., REIMER, P.J. (1993) – Extended 14C database and revised CALIB radiocarbon calibration program. *Radiocarbon*, 35, pp. 213-230.
- TORRES ORTIZ, M. (2002) – *Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia (*Studia Hispano-Phoenicia*; 1).
- VIANA, A. (1960) – Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja, XVII. pp. 181-188.

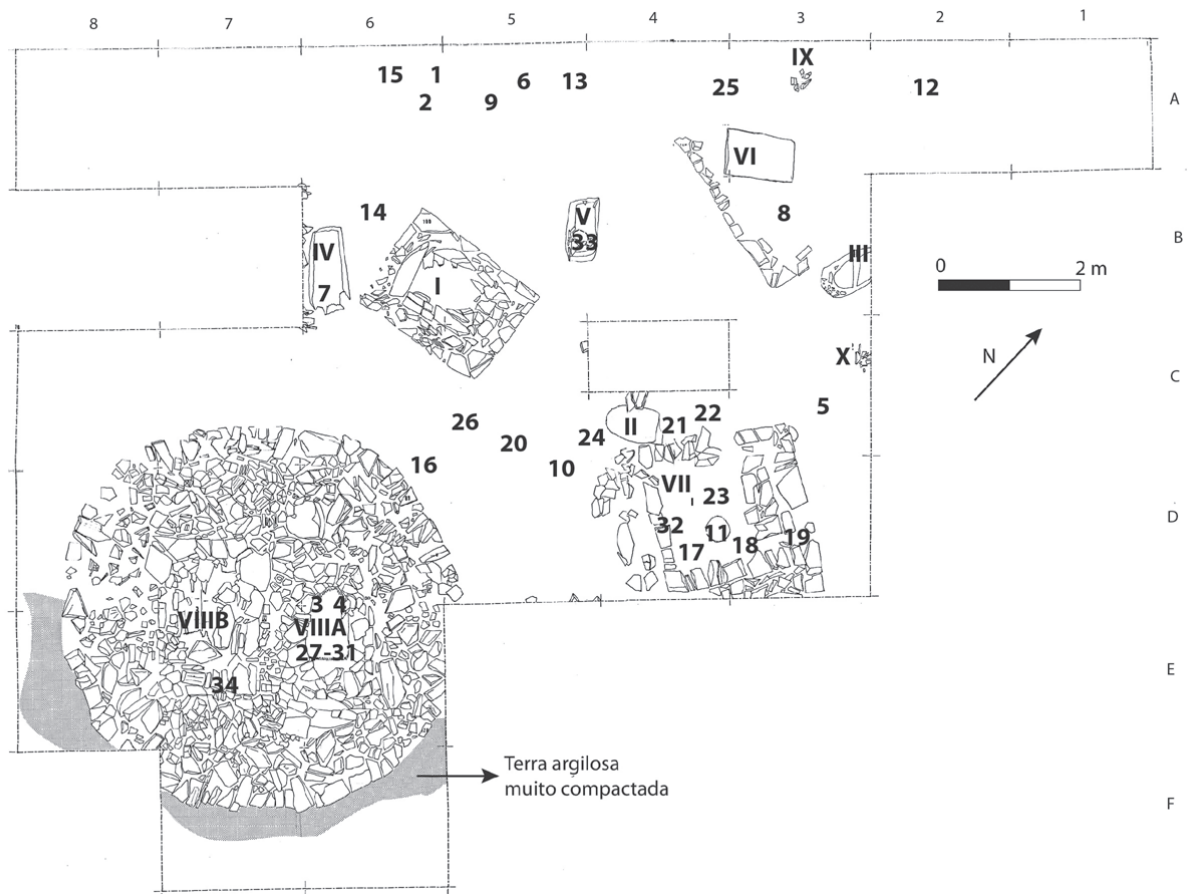


Figura 1 – Planta da Necrópole Nora Velha 2. Estruturas (I-X) e localização aproximada do espólio (1-34).

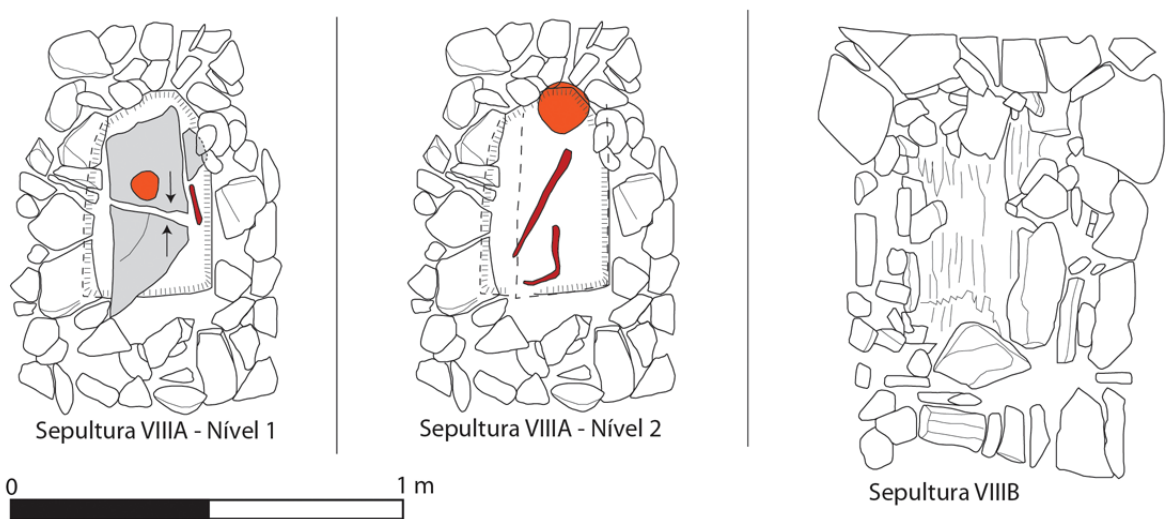


Figura 2 – Planta de pormenor da sepultura VIII A, Nível 1 e Nível 2 e da sepultura VIII B.

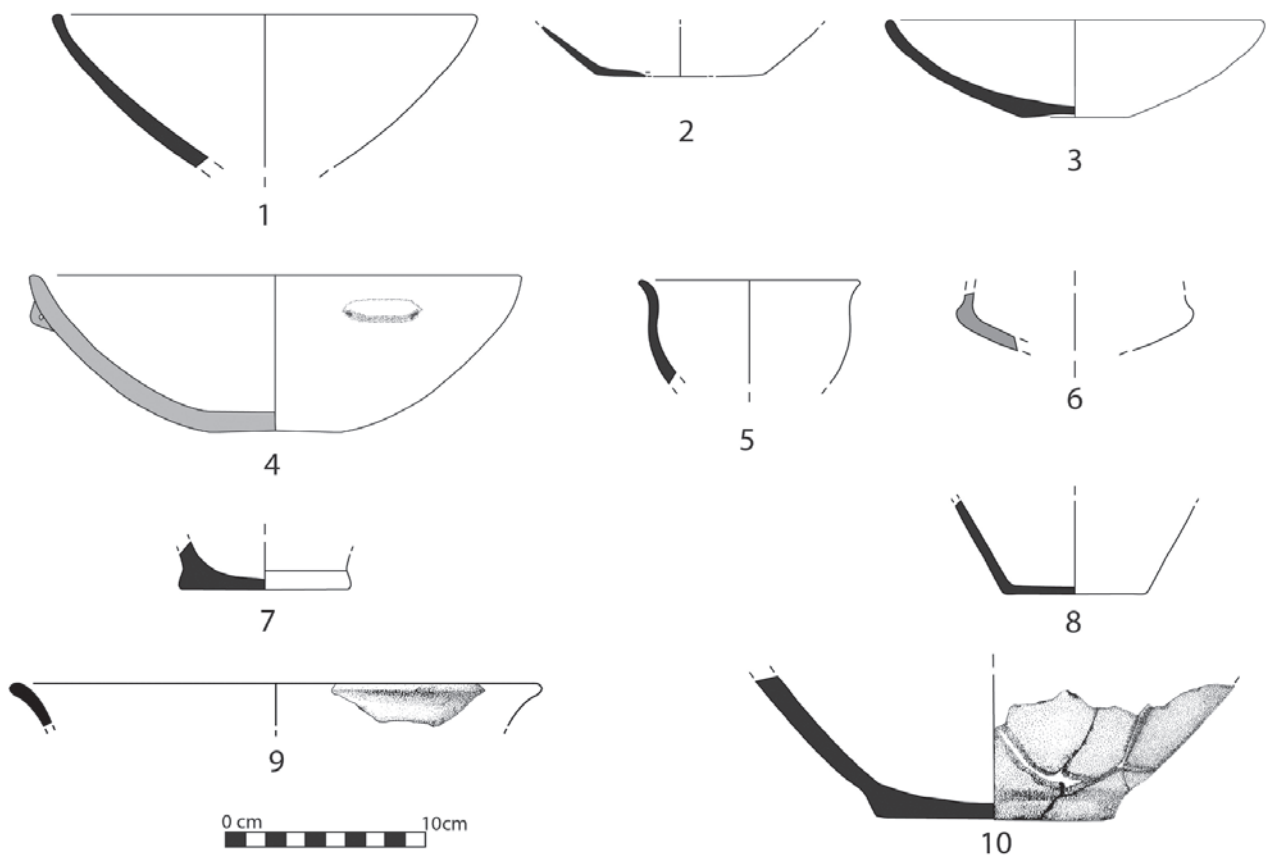


Figura 3 – Recipientes cerâmicos.



Figura 4 – Recipientes cerâmicos.

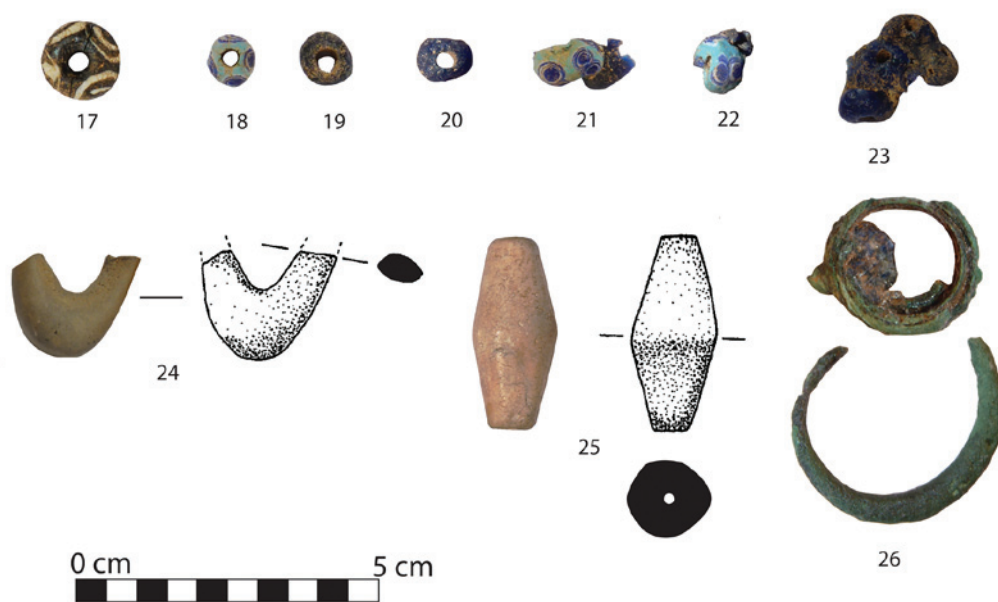


Figura 5 – Elementos de adorno.

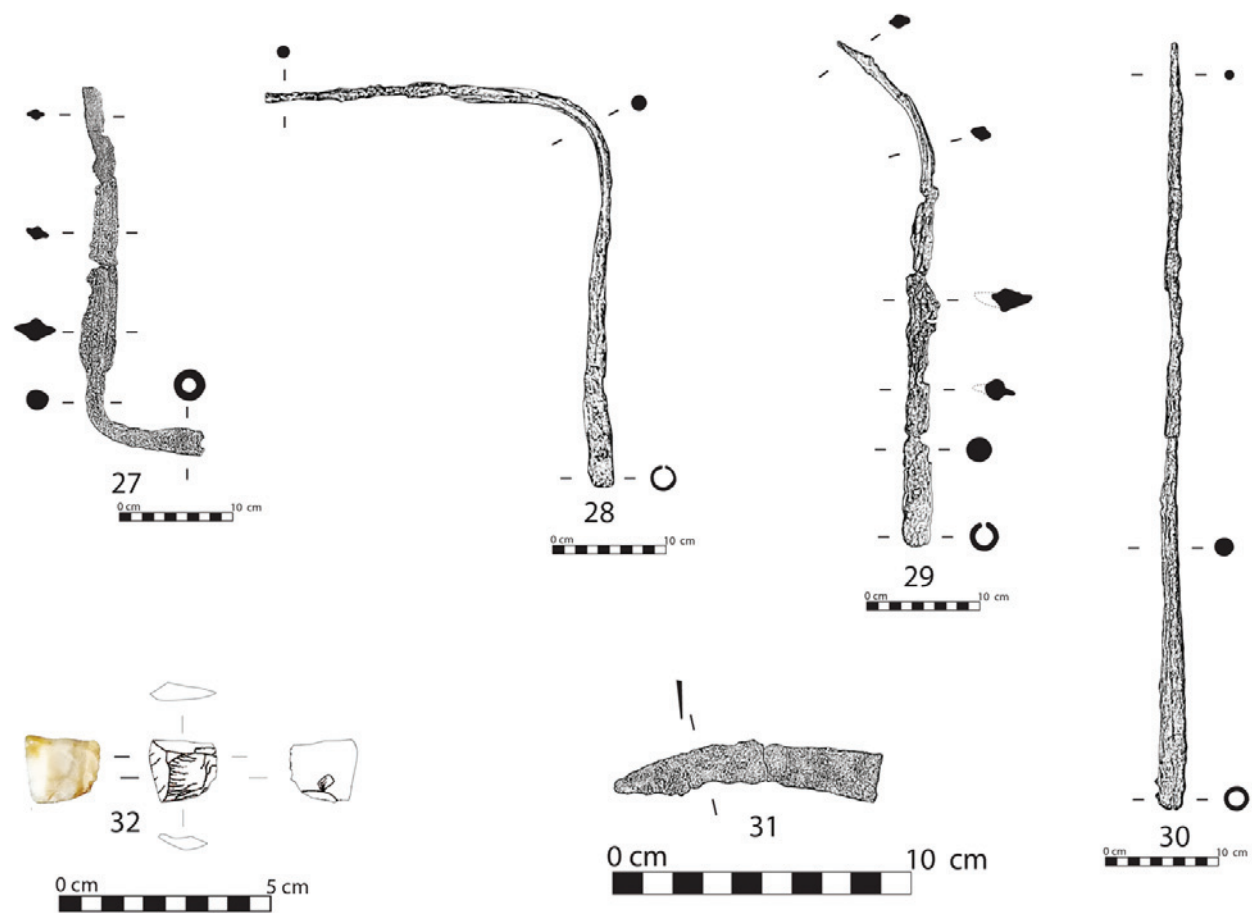
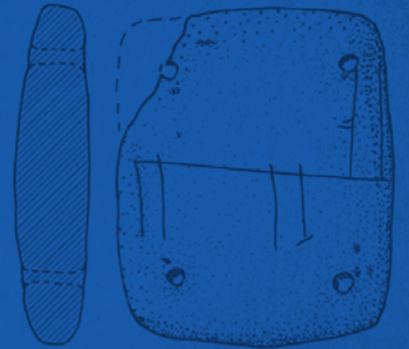
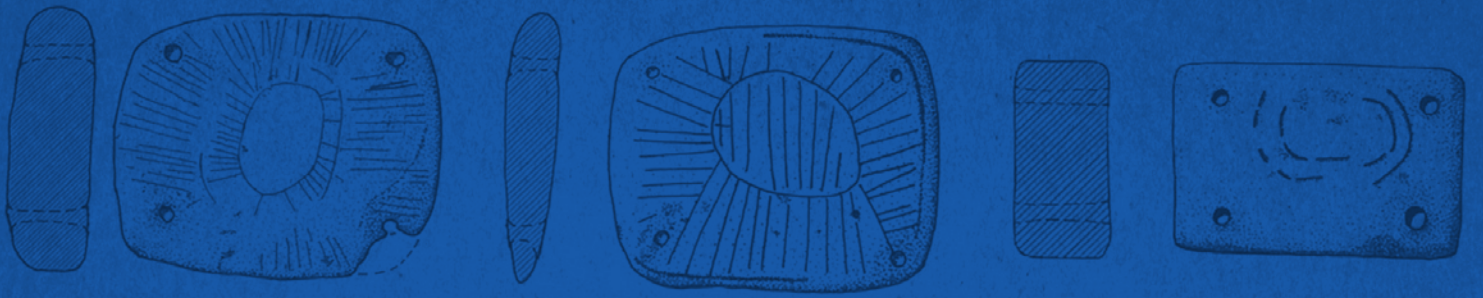
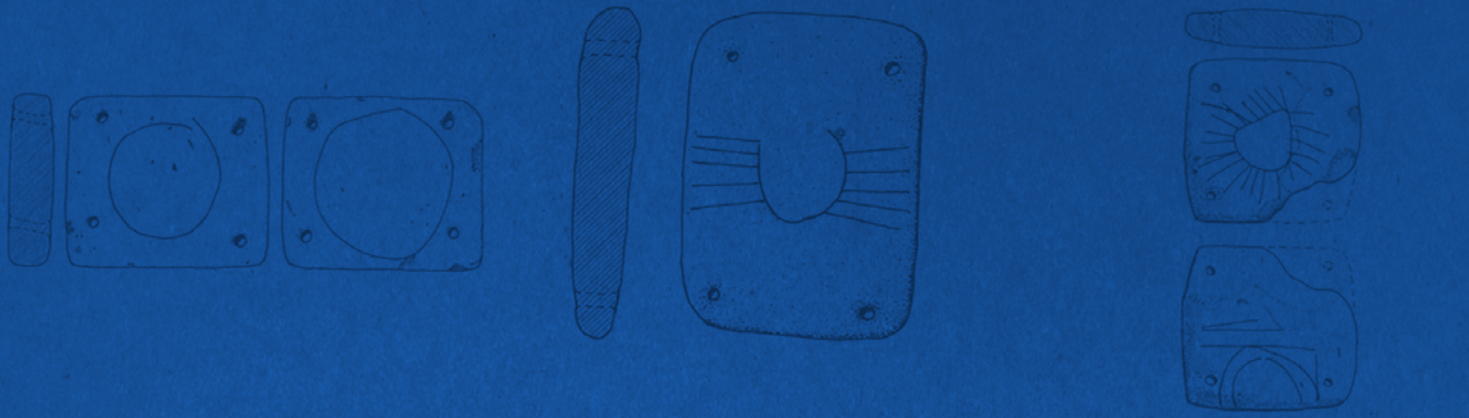


Figura 6 – Metais (27-31) e sílex (32).

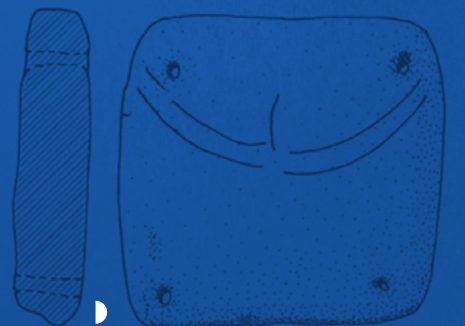


AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua